

# EM BUSCA DO assassino

*Quando o sargento Glen Moore examinou as evidências, não teve dúvidas de que o mal caminhava pelo mundo sobre duas pernas*

Por THOMAS FRENCH

**J**O ROGERS e as filhas, Michelle, 17 anos, e Christe, 14, tinham razão para estar animadas: durante uma semana ficariam livres das durezas de sua fazenda de gado de 120 hectares no noroeste de Ohio. Iam para a Flórida gozar as primeiras férias da família em toda a vida.

– Voltaremos logo – disse Jo para o marido naquela sexta-feira, 26 de maio de 1989, quando se debruçou na janela do carro para beijá-lo. Hal gostaria de ir também, mas havia

plantações para cultivar e 80 vacas para ordenhar duas vezes por dia.

**B**OA VIAGEM! – disse ele, acenando, enquanto a família se afastava pela estrada. Embora cansada, Jo estava satisfeita por finalmente fazer esse passeio. Além de tomar conta da casa e ajudar Hal na ordenha, ela trabalhava à noite num depósito atacadista para que a família tivesse direito ao seguro-saúde. “Jo trabalha mais do que eu e não fica tão cansada”, Hal gostava de dizer a respeito da mulher, de 36 anos.

Com a risada sonora e o temperamento expansivo, ela sempre fazia tudo da melhor maneira.

Agora, dirigindo em estradas retas de duas pistas, Jo e as jovens passavam por cata-ventos e silos que se projetavam para o céu do Meio-Oeste. Quando alcançassem a larga faixa da Rodovia Interestadual 75, seria uma reta só até as praias cintilantes e os alucinantes pores-do-sol da Flórida – o paraíso.

**Anjos desprevenidos.** Dois dias depois, mãe e filhas atravessavam os portões da primeira parada turística de verdade: o Jacksonville Zoo. Depois seguiram para Silver Springs,

onde tomaram um barco de fundo de vidro. Era um dos primeiros passeios de barco de Michelle e Christe.

Na quarta-feira, 31 de maio, estiveram em Orlando e visitaram o SeaWorld, e o Epcot Center e os Estúdios da MGM, ambos da Disney. Na quinta-feira, 1º de junho, foram para o Busch Gardens, em Tampa.

Pouco antes de meio-dia e meia, registraram-se no hotel Days Inn. Quando chegaram ao quarto 251, Michelle telefonou para o namorado. Ela e Christe queriam ir à praia, contou a ele, porém a mãe não as deixava ir para a parte mais funda da água. Nenhuma das duas jovens era boa nadadora, e Jo simplesmente não sabia nadar. Elas estavam se divertindo, disse Michelle, e logo voltariam para casa.

No fim daquela tarde – após baterem uma foto de palmeiras recordadas contra o céu incandescente –, Jo, Michelle e Christe Rogers saíram do hotel. Tinham um encontro marcado.

NESSE FIM DE SEMANA Hal ficou observando a estrada, à espera da família. Tinha certeza de que Jo dissera que estariam de volta no sábado. Mas, quando o domingo e a segunda se passaram sem que elas dessem notícia, Hal começou a entrar em pânico. Ligou para amigos e parentes. Telefonou para o chefe de Jo no depósito atacadista. Pediu informações ao departamento de polícia do

condado de Van Wert e à patrulha rodoviária de Ohio. Ninguém sabia de nada.

**Paraíso perdido.** No domingo, 4 de junho, barqueiros na baía de Tampa fizeram uma horrível descoberta e imediatamente notificaram a Guarda Costeira. Os três corpos, encontrados flutuando de rosto para baixo, já estavam em estado de decomposição, mas pareciam pertencer a três mulheres jovens.

Elas tinham sido amarradas com cordas, amordaçadas com fita isolante e depois atadas a blocos de con-

creto. Uma vez que as três mulheres estavam parcialmente despidas, parecia provável que tivessem sofrido violência sexual. Mas, antes de procurar o assassino, a polícia precisava saber quem eram as vítimas.

Na quinta-feira, 8 de junho, camareiras do Days Inn falaram ao gerente sobre o quarto 251. As hóspedes haviam se registrado uma semana antes, mas nem as camas nem os objetos pessoais tinham sido tocados.

A POLÍCIA REVISTOU o quarto à procura de impressões digitais. Um técnico rapidamente comparou im-

## WHO KILLED THE ROGERS FAMILY? ON THURSDAY, JUNE 1, 1989



Joan



Michelle



Christie

**\$25,000 REWARD** FOR ARREST AND CONVICTION  
ST. PETERSBURG POLICE DEPT. **893-7104**



patrick

**A Caçada Continua**—Sem uma pista significativa, a polícia recorreu à ajuda da população, oferecendo recompensa em 'outdoors'.

pressões de uma pasta de dentes com as dos corpos. “Este era o quarto delas”, disseram.

E o livro de registro do hotel revelou o nome da família: Rogers. Alguém teria de ligar para Ohio.

Nessa mesma tarde, o xerife do condado de Van Wert se dirigiu à fazenda. Hal ficou fora de si, de raiva e tristeza. “Todas de uma vez, não!”, lamentou-se com um amigo, mais tarde. “Por que todas elas?”

Mas não podia se dar ao luxo de perder o controle. As vacas tinham de ser ordenhadas e alimentadas. Com lágrimas nos olhos, Hal continuou trabalhando.

**Reunindo provas.** Com os recibos encontrados no quarto do hotel, os investigadores reconstituíram o itinerário das mulheres. Também revelaram filmes deixados no quarto e examinaram as fotos, à procura de pistas.

O Oldsmobile 1986 das vítimas foi encontrado estacionado numa rampa para barcos. Parecia não ter sido mexido desde que Jo e as jovens o deixaram lá, fechado, uma semana antes. Dentro havia uma folha de papel timbrado do Days Inn com indicações sobre como alcançar a rampa para barcos e a anotação “azul c/branco”, na letra de Jo. Havia também um folheto de Clearwater Beach, com orientações para chegar ao Days Inn escritas com outra letra.

Com tão pouco para prosseguir, uma força-tarefa de várias agências distribuiu relatórios e folhetos, des-

crevendo as vítimas e oferecendo 5 mil dólares de recompensa para quem fornecesse informações que levassem à prisão e condenação do assassino. Receberam mais de 800 pistas.

Uma por uma, elas foram verificadas. Uma por uma, eliminadas.

O DIA DO FUNERAL foi frio e nublado. A Igreja Luterana do Sião ficou lotada. Só os que iam carregar os caixões ocupavam quatro fileiras de bancos.

Hal sentou-se em silêncio na frente. Diante dele estavam os caixões da mulher e das filhas, cobertos de flores e com retratos emoldurados. A pedido de Hal, um ursinho de pelúcia fora colocado nos dois caixões das meninas.

Muito depois das últimas preces no cemitério, Hal voltou para a fazenda, vestiu o macacão e foi para o estábulo triturar a ração das vacas. Era tudo o que podia pensar em fazer.

**Ecos de crueldade.** O primeiro avanço no caso aconteceu em outubro. Examinando um boletim da polícia, o detetive Jim Kappel notou que, em 15 de maio, duas semanas antes do assassinato das Rogers, uma canadense de 24 anos fora estuprada por um homem que a levara num barco azul pintado de branco por dentro.

Kappel viajou para o Canadá a fim de entrevistar a vítima. A moça contou que o homem tinha puxado conversa com ela e uma amiga em

frente a uma loja. Simpático e de conversa agradável, ele lhes dissera possuir uma firma de esquadrias de alumínio e um barco. Oferecera-se para, no dia seguinte, levá-las de Madeira Beach para um passeio ao pôr-do-sol, que seria lindo visto da água, dissera ele. Elas deveriam levar uma câmera.

Vendo a jovem chegar sozinha, ele pareceu ficar irritado. Mas a levou para o passeio assim mesmo. Escurecia e já estavam afastados da praia quando o comportamento do homem mudou radicalmente. Insistiu para que ela tivesse relações sexuais com ele, e, quando a jovem gritou, ameaçou amordaçá-la com fita isolante. Depois perguntou: "Será que vale a pena perder a vida por causa de sexo?"

Kappel pediu à moça que o ajudasse a fazer um retrato falado do estuprador. De volta à Flórida, mandou publicar o desenho nos jornais e divulgá-lo na TV.

**Sensação incômoda.** Jo Ann Steffey encontrava-se na cozinha de sua casa, em Tampa, olhando um recorte de jornal. O desenho assemelhava-se ao homem que morava naquela rua, mais abaixo. Até poucos meses atrás, ele possuía uma lancha azul e branca.

Esse vizinho sempre se esforçara em parecer simpático, mas fazia Jo



© CHERIE DIEZ/ST. PETERSBURG TIMES

**À Procura do Mal**— O sargento Moore não descansaria até encontrar o assassino.

Ann sentir-se incomodada. "É ele", disse ela.

Jo Ann, que fazia o curso de administração de empresas na Faculdade de Tampa, resolveu conversar com um assistente de xerife que era seu colega na turma de contabilidade. "Mas não quero me envolver nisso", pediu Jo.

Ela deduziu que o assistente levaria sua pista para a polícia.

HAL ROGERS não conseguia dormir em casa. Durante meses passara as noites no sofá de amigos. Via televisão e depois adormecia, sem dizer nada, apenas grato pelo refúgio tranquilo.

Os amigos continuavam a dizer-lhe que Deus só "dá o frio conforme o cobertor". Mas Hal, mergulhado em tristeza, não tinha tanta certeza

disso. Havia dias em que daria tudo para que Deus descesse do céu e lhe desse a resposta a algumas perguntas.

**O mal caminha pelo mundo sobre duas pernas.** Um ano após os homicídios, o caso foi literalmente para as prateleiras, resumido em três pastas. As informações reunidas obcecavam o sargento Glen Moore, novo encarregado da investigação.

Policial de St. Petersburg havia 20 anos, Moore era inexperiente em investigações de homicídio. Mas essa inexperiência poderia ser uma vantagem. Incrivelmente obstinado, embora de forma educada, insistia em perguntas que outros podiam ter considerado sem importância.

O que caracterizava Moore mais do que tudo, porém, era sua fé em Deus. Para ele, o bem e o mal não eram conceitos teóricos, mas realidades absolutas que caminhavam pelo mundo sobre duas pernas. “Acredito que há demônios à nossa volta”, costumava dizer, “assim como acredito que existem anjos ao nosso redor.” E, quando examinava as anotações do caso Rogers, o detetive não tinha dúvidas. Era evidente que os demônios existiam – estava à procura de um deles nesse momento.

**Perfil de um predador.** Moore e sua nova equipe de investigadores – Cindra Cummings e J.J. Geoghegan – reviram o caso desde o começo. Descobriram que o folheto de Clearwater Beach encontrado no carro das vítimas nunca fora submetido a

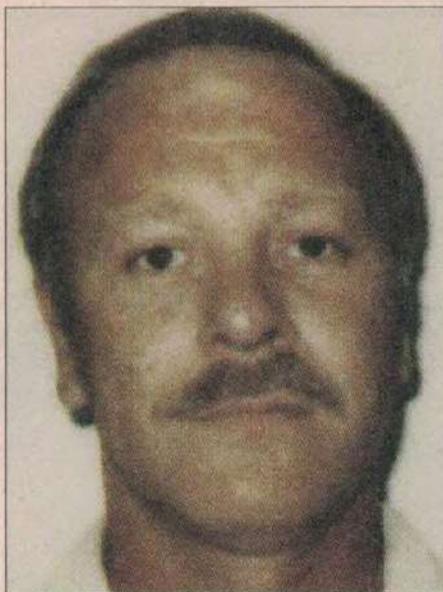
um exame de impressões digitais.

Moore comunicou tudo o que sabiam à unidade do FBI encarregada de traçar o perfil de criminosos, em Quantico, Virgínia. O perfil que resultou era assustador: o criminoso provavelmente era, ou poderia tornar-se, um assassino serial. O ataque às Rogers poderia não ser o último. O perfil mostrava que o culpado tinha um passado de crimes ao longo do qual aprendera a exercer grande controle sobre suas vítimas. Suficientemente abastado para possuir uma lancha, ele conseguia esconder-se por trás de uma aparência de respeitabilidade. E, como se passara tanto tempo sem que fosse apanhado, provavelmente estava se sentindo confiante o bastante para matar de novo.

**Assinatura de um assassino.** Na primavera de 1992, a pressão continuava. Um programa de TV sobre crimes não solucionados apresentara o caso duas vezes. A recompensa subira para 25 mil dólares.

Depois de analisar o folheto de Clearwater Beach, Moore e sua equipe achavam provável que aquele que dera as indicações para as Rogers fosse o assassino. A caligrafia era característica: a letra *r* pouco nítida e o *y* destacado. Moore estimulou a mídia a publicar amostras da caligrafia.

Quando Jo Ann Steffey apanhou o jornal na manhã seguinte – quinta-feira, 14 de maio de 1992 –, ela se perguntou o que deveria fazer. Ti-



**Semelhança?**— O retrato falado do estuprador de Madeira Beach e a foto de Oba Chandler.

nham se passado dois anos e meio desde que revelara pela primeira vez suas suspeitas sobre o homem que na época morava duas casas depois da sua.

Se ele não fora investigado ainda, poderia a polícia encontrá-lo agora? O homem, a mulher e a filha pequena haviam se mudado meses antes.

Os investigadores diziam que o assassino provavelmente tinha um emprego que lhe permitia viajar ou ficar fora durante o dia. Jo Ann sabia que ele era dono de uma firma de esquadrias de alumínio, mas não conseguia lembrar onde era o escritório.

A vizinha do lado, Mozelle Smith, que uma vez contratara o homem para um serviço, disse que era possível que ele trabalhasse fora de casa. Mozelle encontrou o contrato e um recibo assinado pelo homem. Jo Ann comparou-os com o recorte do jornal.

A caligrafia nos três era idêntica.

Jo Ann ligou para o número destinado às denúncias e depois a filha de Mozelle enviou fax de cópias do contrato e do recibo. Ambos tinham a assinatura do antigo vizinho de Jo Ann, um homem chamado Oba Chandler.

**O prazo final.** Mack Vines, chefe de polícia

interino, deixara claro que, se até meados de agosto não surgisse uma pista significativa, o caso seria revisto, para que fosse decidido quanto tempo e pessoal lhe seriam destinados.

Cartazes doados por um grupo da mídia foram espalhados por Tampa. Acima das fotos de Jo, Michelle e Christe, letras garrafais perguntavam: QUEM MATOU A FAMÍLIA ROGERS? A recompensa oferecida e o número do telefone para denúncias também constavam do cartaz. Uma segunda série de cartazes com amostras da caligrafia do assassino foi divulgada em 30 de julho.

Jo Ann não podia acreditar. Ela vinha telefonando e perguntando se alguém havia investigado Oba Chandler, e toda vez lhe diziam que os detetives estavam trabalhando na pista.

A filha de Mozelle tornou a man-

dar os documentos por fax. E dessa vez acrescentou uma carta pedindo resposta o mais rápido possível.

Moore viu o fax e pediu a um dos detetives que trouxesse o contrato original. O manuscrito estava difícil de ler, mas a semelhança era grande.

Era o dia 31 de julho, e faltavam duas semanas para o prazo final.

Os investigadores descobriram que Chandler tinha antecedentes criminais, com vários nomes falsos e um histórico de comportamento violento em relação a mulheres. Estava agora com 45 anos e morava com a mulher e a filha de 3 anos em Port Orange. Mas sua antiga casa ficava a apenas três quilômetros, por mar, da rampa para barcos onde Jo e as filhas haviam desaparecido. Na época, segundo registros oficiais, ele possuía uma lancha Bayliner azul e branca de 21 pés.

Moore estava convencido de que afinal achara o homem que vinha procurando. Agora tudo o que tinham de fazer era provar isso.

Por causa do tipo de trabalho de Chandler, eles o apelidaram de Homem de Lata. Era o nome perfeito para alguém que não tinha coração.

Peritos confirmaram que Chandler não somente escrevera as informações no folheto como também deixara a impressão da palma da mão ao fazê-lo. Quando lhe mostraram fotos de seis homens diferentes, a canadense vítima de estupro imediatamente identificou Chandler.

A promotoria pública decidiu que havia provas suficientes para

prender Chandler pelo estupro. No entanto, o Estado queria mais evidências ligando-o aos homicídios. E essas evidências foram obtidas quando localizaram Kristal Mays, a filha de 29 anos de Chandler, e o marido, Rick. Este contou aos investigadores que, durante uma visita a Chandler na Flórida, no verão de 1989, o sogro lhe confessara ter estuprado uma ou duas mulheres na lancha e lançado uma ao mar. Kristal revelou aos investigadores que o pai a visitara inesperadamente em Cincinnati, no final de 1989, logo após a divulgação do retrato falado. Nessa época, disse ela, ouvira Chandler contar a Rick que havia assassinado algumas mulheres.

Diante da apresentação das provas, um júri indiciou Chandler por três homicídios de primeiro grau.

**'Reduzido a picadinho.'** O julgamento começou em meados de setembro de 1994. O réu apresentava um sorriso estranhamente afável.

Um dos principais promotores era Doug Crow. Como disse um jurista: "Alguns advogados criminais jogam damas; outros, xadrez. Doug joga xadrez tridimensional."

Nas semanas seguintes os promotores trabalharam ativamente no caso. Rollins Cooper, operário que fizera trabalhos para Chandler, contou que, no dia em que as Rogers desapareceram, Chandler estava muito apressado. "Ele me disse que tinha um encontro com três mulheres."



**O Sobrevivente**— No cemitério de Ohio, onde sua família está enterrada, Hal Rogers coloca flores no túmulo da mulher.

Um dos testemunhos mais fortes foi o da jovem canadense. Sua óbvia inteligência levou os jurados a se fazerem uma pergunta crucial: se essa mulher se dispôs, espontaneamente, a dar um passeio com Chandler, não teria sido muito mais fácil para ele persuadir aquela mãe e as duas filhas a fazer um passeio de barco ao pôr-do-sol?

No banco dos réus, Chandler admitiu ter encontrado Michelle e Christe Rogers e escrito o itinerário no folheto. Mas afirmou que não levou as três no barco e desmentiu os

testemunhos de Rollins Cooper e dos Mays.

Declarou que estava pescando sozinho na baía de Tampa na noite dos assassinatos, quando a mangueira de combustível da lancha arrebentou, derramando quase 150 litros de gasolina na baía e deixando-o à deriva. Pouco antes do amanhecer, dois homens rebocaram-no para uma marina próxima.

Durante o julgamento, Doug Crow encurralou Chandler, obrigando-o a fornecer todos os detalhes que poderiam ser confirmados. Ao

mesmo tempo, um mecânico de embarcações foi enviado para examinar a lancha de Chandler.

No dia seguinte o mecânico testemunhou que o vazamento não poderia ter imobilizado a lancha da forma como Chandler descrevera. A Bayliner era equipada com uma válvula que se teria fechado e impedido um vazamento de combustível.

Mesmo sem a válvula, salientou o mecânico, o vazamento não teria ocorrido como Chandler contara. A mangueira localizava-se *acima* do tanque de combustível, o que significava que, para a gasolina ter vazado, precisaria ter fluído para cima, desafiando a lei da gravidade.

Como Moore iria dizer mais tarde: "Doug reduziu Chandler a picadinho."

**Triunfo da justiça.** No início da noite seguinte, o escrivão leu os veredictos – um para a morte de Jo,

outro para a de Michelle e outro para a de Christe. Em todos eles, a decisão foi a mesma: culpado.

Enquanto as pessoas saíam do tribunal, o horizonte ao longo do golfo resplandecia com uma explosão de vermelho, laranja e púrpura. Era exatamente o tipo de céu que levara Jo e as filhas para a Flórida, que as atraía para a morte e que assombraria aqueles que as amavam. O tipo de céu que Chandler nunca mais veria como homem livre.

*Seguindo a decisão do júri, a juíza Susan Schaeffer aplicou uma sentença de morte em separado para cada um dos assassinatos. Oba Chandler agora se encontra no corredor da morte da Instituição Correcional da União, em Starke, na Flórida. O Supremo Tribunal da Flórida rejeitou a primeira apelação. Chandler está apelando das condenações e sentenças de morte ao tribunal estadual.*

## REVENDO SHAKESPEARE



Uma das qualidades inigualáveis de Shakespeare é sua visão abrangente da humanidade. Toda a vida do homem está ali, numa extraordinária variedade e sutileza de caracterização, de cenário histórico, de local. Sua compreensão da vida doméstica, dos pensamentos de militares e políticos, dos relacionamentos básicos entre homens e mulheres, era tão vasta que permanece eternamente válida. Volta e meia reconhecemos nos personagens de Shakespeare traços de nós mesmos. Ele tinha a capacidade de descrever tipos tão universais que hoje os encontramos vivos à nossa volta, todos os dias. Era um técnico e psicólogo perfeito, com um poder notável de compreender o que nos forma e o que somos.

—PRÍNCIPE CHARLES, *The prince's choice*